



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CAMPUS I
CURSO PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB**

SANDRA DE BRITO MENEZES

**LITERATURA INFANTIL E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA:
motivação para ler e escrever na turma do 4º Ano do Ensino Fundamental**

CAMPINA GRANDE – PB

2017

SANDRA DE BRITO MENEZES

**LITERATURA INFANTIL E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA:
motivação para ler e escrever na turma do 4º Ano do Ensino Fundamental**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Pedagogia-PARFOR/MEC/CNPQ da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Guerra

CAMPINA GRANDE

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M5431 Menezes, Sandra de Brito.
Literatura infantil e a arte de contar história [manuscrito] :
motivação para ler e escrever na turma do 4º Ano do ensino
fundamental / Sandra de Brito Menezes. - 2017.
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em
Primeira Licenciatura em Pedagogia do Parfor) - Universidade
Estadual da Paraíba, EAD - Campina Grande, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Maria José Guerra, Pró-Reitoria
de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância."

1. Literatura infantil. 2. Contação de histórias. 3. Leitura. 4.
Escrita.

21. ed. CDD 372.4

SANDRA DE BRITO MENEZES

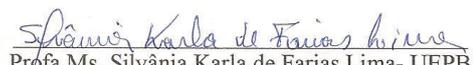
LITERATURA INFANTIL E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA: motivação para ler e escrever na turma do 4º Ano do Ensino Fundamental

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada: em 18/11/2017

BANCA EXAMINADORA


Profª. Dra. Maria José Guerra-UEPB
Orientadora


Profª. Ms. Silvana Karla de Farias Lima-UEPB
Examinadora


Profª. Dra. Valdecy Margarida da Silva-UEPB
Examinadora

Com orgulho e para dar orgulho ao meu querido e amado pai e aos meus abençoados filhos, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me direcionado até aqui, por todas às vezes que pensei em desistir e Ele me sustentou.

A minha orientadora Professora Dra. Maria José Guerra, por toda sua compreensão, paciência, estímulo e contribuição nessa longa caminhada para a conclusão deste trabalho.

A todas as minhas colegas de sala de aula, que em algum momento deram-me um pouco da sua atenção, apoio e ânimo.

A todos os professores que deram sua atenção, contribuição e motivação na minha formação, para que eu chegasse até aqui.

Aos meus filhos, por existirem, pois é deles que vem a minha força para vencer.

“É preciso alimentar a imaginação de nossos alunos, compartilhar leituras com eles e oferecer-lhes experiências de fruição, para que descubram os encantos da literatura, como uma forma de arte que possibilita conhecerem melhor a si mesmos, ao mundo e aos que os cercam, para que se tornem pessoas mais sensíveis, mais críticas, mais criativas.”

(Elizabeth Baldi)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. RELATÓRIOS DE FINAL DE ESTÁGIO.....	12
2.1 A experiência na Gestão Educacional.....	12
2.2 A Escola e o aluno da Educação Infantil.....	13
2.3 A Escola e o aluno da Educação fundamental	15
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: LITERATURA INFANTIL E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA.....	17
3.1 O uso da literatura infantil e a prática de contar história.....	17
3.2 Conceito de literatura infantil e a arte de contar história.....	20
4. METODOLOGIA	21
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	23
5.1 A experiência da literatura infantil e a arte de contar história em sala de aula....	24
CONCLUSÃO.....	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

LITERATURA INFANTIL E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA: motivação para ler e escrever na turma do 4º Ano do Ensino Fundamental

Sandra de Brito Menezes¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo compreender e estudar a importância da literatura infantil e da arte de contar história como um recurso didático-pedagógico capaz de estimular e facilitar o processo de ensino e aprendizagem da aquisição e desenvolvimento da leitura e da escrita. O interesse para a realização deste estudo surgiu a partir da prática realizada, na turma do 4º ano do ensino fundamental, durante o estágio Supervisionado III, enquanto docência dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Metodologicamente utilizamos a pesquisa qualitativa tendo como objeto de estudo o texto da experiência vivida, na prática de sala de aula, para servir de estudo, e ao mesmo tempo, de análise e compreensão para ser estudado à luz dos estudos dos pesquisadores Abramovich (1995), Alves (2008), Aquino (1998), Arroyo (1968), Baldi (2009), Busatto (2003), Coelho (2001), Freire (1983), Gadotti (1982), Marcuschi (2008), Piaget (1971), Zago (1998), entre outros. Constatou-se que ainda existem, no âmbito do 4º ano, alunos que fazem uso da leitura de mundo em seu contexto social em práticas cotidianas, mas que não adquiriram o domínio da leitura e da escrita escolar; falta estímulo dos órgãos que tratam das políticas de leitura e das próprias escolas, inclusive dos educadores para uma formação docente reflexiva que pudesse melhor instrumentalizar a competência da compreensão leitora do aluno; a leitura eficaz pressupõe uma concepção de língua e linguagem, de leitura, de sujeito, de texto, de ensino e de aprendizagem, para ser contextualizada numa orientação teórica nos anos iniciais; os efeitos das intervenções produtivas e ações pedagógicas de atuação do estágio em sala de aula, com a prática da leitura literária puderam ser notados no progresso do aluno quando diz: *“Tia é muito bom aprender com histórias, a gente aprende mais, é mais divertido e fácil”*.

Palavras chave: Literatura. Histórias. Leitura. Escrita.

¹ Aluna de Graduação em Pedagogia, na Universidade Estadual da Paraíba – PARFOR – Campus I. Professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da Prefeitura Municipal de Campina Grande, Paraíba.
Email:sandrab1010@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Desde os primórdios até os dias atuais, mesmo diante da evolução da comunicação e o desenvolvimento tecnológico, observa-se que há um fascínio humano, provocado pelo desejo em ouvir histórias, sobretudo quando esta história tem um significado para a prática do sujeito ouvinte. Ela está presente na história da humanidade muito antes da escrita, é a mais antiga das artes.

Estudos revelam que nas sociedades primitivas os contadores de história eram quem guardava e difundia a história do seu povo, na memória viva de geração para geração, pelos seus ancestrais, através da oralidade. Eles eram os verdadeiros guardiões da história da humanidade. A arte de contar história trabalha o sentimento da pessoa humana em diversos aspectos, em relação à sensibilidade, às alegrias, aos desejos, às angústias, aos medos, às expectativas e tudo que o “eu” humano carrega (CAVALCANTE, 2002, p. 22).

Além disso, o hábito de ouvir história desperta e conduz a criança pequena e o aluno dos anos iniciais, por exemplo, para uma reflexão, mesmo que inconsciente ao encontro de seus sentimentos e vivências, e dá subsídios para a imaginação fluir. Contudo, com o advento da escrita foi diminuindo a arte de contar história, mas nunca esquecida. Assim, a história passaria, então, a ser reconhecida através de figuras de símbolos. Através da memória e seus guardados, a escrita passa a ser aliada da memória, para o registro permanente dos acontecimentos e, nele se vislumbra a perpetuação do modo ser e viver do grupo em uma determinada época. (BENJAMIN, 1987, p.200, tradução nossa).

Durante muito tempo, a escrita juntamente com a leitura, para quem as dominavam, era vistas, no seu significado singular, como uma espécie de símbolo de inteligência e de poder. Visto que até hoje, elas são o meio para oportunizar condições reais em garantir a independência do ser humano nas mais diversas situações de convivência em sociedade: comunicar, vender, comprar, casar, protestar, argumentar, reivindicar, lutar pelas injustiças individuais e sociais, pelos direitos subtraídos do indivíduo, enfim, por tudo que a vida contemporânea exige, para que o indivíduo tenha uma vida mais digna, atue de forma consciente e humana, e exerça sua cidadania plena.

A escola tem um papel decisivo em introduzir e incentivar a leitura e a escrita de forma lúdica, através da arte de contar história. Pois, desta advém todas as formas de sentimentos e comportamentos existentes, que são construídos ao longo da história na sociedade, e é naquela, que acontece, depois da família, as mais variadas e intensas interações de convivência, de ensino e aprendizagem que marcam o indivíduo para sempre. Segundo os

parâmetros Curriculares Nacionais, “a função primordial da escola é ensinar, intervindo para que os alunos aprendam o que, sozinhos, não têm condições de aprender”. Portanto, para contribuir na diminuição da invasão escolar e do fracasso escolar, os grandes problemas que afetam as escolas, cabe a ela, diminuir os processos mecânicos de ensino e de aprendizagem e passar a oferecer situações de aprendizagem mais significativas, por meio da Literatura Infantil e da Arte de contar história para favorecer o desenvolvimento da leitura e da escrita.

Diante do exposto, este estudo tem por objetivo compreender e estudar a importância da literatura infantil e da arte de contar história como um recurso didático-pedagógico que estimula e facilita o ensino e a aprendizagem, na aquisição e no desenvolvimento da leitura e da escrita, na turma do 4º ano do ensino fundamental. Tal objetivo, vem complementar o estudo da prática vivenciada, durante o estágio Supervisionado III, enquanto docência dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O texto está organizado em cinco tópicos. O *primeiro* introduz a problemática e fala dos objetivos do estudo de pesquisa. O *segundo* traz o registro dos relatórios de final de estágio, como parte do currículo obrigatório, que foi realizado ao longo do curso de Pedagogia do sistema PARFOR/MEC/CNPQ da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, em três níveis de ensino: a experiência na Gestão Educacional; a Escola e o aluno da Educação Infantil; E, por fim, a Escola e o aluno da Educação Fundamental.

O *terceiro* tópico oferece uma breve fundamentação teórica sobre a literatura infantil e a arte de contar história, a partir de duas dimensões: observações do fazer pedagógico no cotidiano da sala de aula; e a literatura infantil e a arte de contar história na motivação da leitura e da escrita. O *quarto* tópico descreve rapidamente os procedimentos adotados para a metodologia que foi realizada para a pesquisa. O *quinto* e último tópico apresenta os resultados e os discute à luz das teorias estudadas. Na sequência o texto apresenta a conclusão e as referências consultadas para a realização do trabalho de conclusão de curso (TCC).

2. RELATÓRIOS DE FINAL DE ESTÁGIO

2.1 A experiência na Gestão Educacional

O estágio de gestão educacional, no curso de Licenciatura em Pedagogia Plena sistema PARFOR/CAPES/UEPB, tratou da importância da participação da família numa gestão democrática, que requer atenção especial, no que se refere à relação entre escola e família e à dimensão educativa, numa Creche Municipal de Campina Grande.

Considerando a parceria necessária entre escola e família, no processo de gestão democrática, a fim de, ofertar uma educação de qualidade e garantir o sucesso no processo ensino e aprendizagem, foi percebida a importância de refletir essa relação, como sendo um dos passos necessários para alicerçar uma gestão que visa compartilhamento de papéis no ambiente escolar. Observou-se na prática do estágio em gestão educacional uma espécie de carência nas relações sociais entre esses agentes: escola x família, na creche já mencionada no parágrafo acima. Diante de algumas expectativas frustradas observadas no que se refere à participação familiar nos projetos desenvolvidos, no cumprimento de regras e no respeito ao patrimônio escolar. O que levou a questionar: *O que a escola espera da família? Quais as expectativas da família em relação à escola? E, como essa relação pode ser visualizada numa gestão democrática?* Assim, foi identificada a necessidade de ações reflexivas, a fim de, promover novas possibilidades de participação da família nos projetos da escola, dando sua contribuição junto à gestão democrática. Portanto, essa relação efetiva entre a gestão escolar democrática e as famílias é algo que será construído no dia a dia, como nos diz ZAGO (1998) [...] a família é uma instituição cuja dinâmica é construída social e historicamente, e que se transforma no decorrer do tempo. Sendo assim, como a gestão democrática conseguirá influenciar, incentivar, e mostrar para a família sua importância para as propostas pedagógica da escola? A este respeito, esclarece IÇAMI TIBA (1996, P. 168), uma família que só exige da escola sem contribuir em nada, está educacionalmente aleijada.

Então, fundamentada na observação sistemática, foram propostas intervenções pedagógicas através de reuniões com as famílias, gestor escolar e professores, no intuito de estabelecer uma relação de reciprocidade e poder contribuir para uma ação mais efetiva e eficaz entre família e escola, a partir da reflexão ética, do respeito às diferenças e a valorização dos papéis e cada um no andamento do processo educacional das crianças. Tudo isso, põe em destaque a garantia dos direitos de aprendizagem das crianças.

Este estudo teve como objetivo geral despertar na família a importância do acompanhamento familiar na vida escolar das crianças, bem como, a integração entre a família e escola. E, como objetivos específicos: a promoção de palestra com tema família e escola- educar e cuidar, parceria necessária para uma gestão participativa; incentivo à participação dos pais nos eventos e cursos ofertados pela escola e no acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem; desenvolvimento de atividades para integração e participação da família na escola, voltadas para uma gestão democrática.

A metodologia foi baseada na pesquisa descritiva de caráter qualitativo. Visto que de acordo com Gil (1999) neste tipo de pesquisa buscou-se descrever e interpretar a relação social, nesse caso entre família e escola observada no campo de estágio. A coleta de dados ocorreu a partir de plano de ação semiestruturado observando-se a rotina dos professores, a aplicação de questionário à gestora, a identificação e histórico da creche, as características socioeconômica e cultural da comunidade escolar, além da leitura dos documentos como: Regimento Escolar e Projeto Político Pedagógico o que nos trouxe a percepção sobre a relação escola e comunidade, os processos da gestão democrática e o relacionamento interpessoal na escola.

Os resultados desta pesquisa apontou que a relação escola/família é fundamental para o desenvolvimento da criança, pois, a escola através de uma gestão democrática irá criar mecanismos de participação, buscar valores fundamentais como: respeito, justiça, liberdade, etc. A gestão democrática é aquela que ultrapassa as atribuições administrativas, assumindo um processo mais amplo, buscando a cidadania social como extensão da escola. Uma gestão democrática participativa visa diminuir os conflitos possibilitando meios que façam com que a comunidade escolar sinta-se parte integrante da escola, visando a tranquilidade, um trabalho de equipe e um melhor ensino e aprendizagem.

2.2 A Escola e o aluno da Educação Infantil

O Estágio Supervisionado em Educação Infantil, no curso de Licenciatura em pedagogia Plena sistema PARFOR/CAPES/UEPB, numa turma do Maternal IB, com 20 (vinte crianças), em uma creche em Campina grande, teve como meta proporcionar ao discente, no referido curso, a operacionalização e a sistemática que envolve o fazer pedagógico no dia a dia da Educação Infantil, visando contribuir para uma formação que agregue conhecimentos que lhe capacitem a garantir uma prática que respeite segundo as

Diretrizes Curriculares Nacionais, para a Educação Infantil, os direitos das crianças a acessar os processos de apropriação, renovação e articulação de saberes e conhecimentos e à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outros meninos e meninas.

O relatório teve como objetivo geral: possibilitar a conexão entre teoria e prática, desenvolvendo uma atitude de pesquisa e análise durante o processo formativo, assim como, proporcionar a observação e a reflexão sobre situações acadêmicas para auxiliar a compreensão e a atuação em situações da docência. E, como objetivos específicos: assumir atitude crítica face à realidade observada, fazendo uma relação entre a teoria e a prática, com o objetivo de garantir um ensino-aprendizagem que assegure uma educação com equidade, respeito às diferenças e às especificidades da Educação Infantil; experienciar o processo educativo quanto aos aspectos de planejamento, execução e avaliação, o fazer e refazer pedagógico; conhecer a rotina do trabalho pedagógico durante o período do Estágio Supervisionado em sala de aula, para que se possa absorver conhecimentos e fazer uma conciliação entre a teoria e a prática, tendo como ator principal a criança pequena e seus direitos.

Com base na observação feita, na turma de Educação Infantil, em estudo e com crianças na faixa etária de 3 anos, foi constatado que nesta fase, segundo a teoria de Piaget (1971), a criança se encontra no período pré-operatório, que se caracteriza pelo uso de símbolos, palavras, números para representar aspectos do mundo etc. Relaciona-se apenas por meio de sua perspectiva individual. O egocentrismo é evidente, ela apresenta muita dificuldade em compartilhar. Pode aparentar, mas não se trata de uma atitude egoísta. É uma característica própria do desenvolvimento infantil e ocorre porque a criança ainda não sabe estruturar seu ponto de vista com o do outro, precisa aprender o que é seu, o que é do outro e o que é de todos.

Ficou nítido, que era necessário desenvolver um Projeto de intervenção através da contação de histórias, para reforçar a ideia da amizade e do compartilhar. Como também o de refletir, contribuir e compartilhar, saberes e fazeres, onde a criança pequena seja o centro e a inspiração para os fazeres e refazeres na prática docente diária, construindo e reconstruindo aprendizagens significativas, levando em conta, sua especificidade e singularidade, sua história de vida, o meio onde vive sua família, sua comunidade etc. Segundo Busatto (2003, p. 76)

A interação de inserir a história no contexto escolar é de propiciar, cultura, conhecimento, princípios, valores, educação, ética, além de contribuir para uma boa construção de relacionamentos afetivos saudáveis, como: carinho, e afeto, bons tratos, cuidados pessoais, reeducação alimentar, autoestima, autoconhecimento e convivência social, isto tudo é possível com uma história contada com muita arte, que será fundamental para uma vida feliz e saudável, e para, o fortalecimento das crianças na sociedade e inibir a violência, contribuindo diretamente para a formação de caráter e da personalidade e indiretamente para a sobrevivência do homem.

Ficou evidente, o quão é importante, na educação infantil, esse contato com a história lida, contada ou encenada no contexto do dia a dia da escola, pois, através dela a criança, muitas vezes, se reconhece e/ou reconhece o outro e o próprio mundo em que vive, fazendo relações entre o faz de conta e o mundo real. Tal experiência assegurou durante o processo, segundo a educação em sua integridade, o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Garantiu um olhar em relação à criança como sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona, e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. CNE/CEB (PARECER HOMOLOGADO). Despacho do Ministro, publicado no D.O.U. de 9/12/2009, Seção 1, Pág. 14.

2.3 A Escola e o aluno da Educação fundamental

O Estágio supervisionado Docência dos anos Iniciais do ensino Fundamental, no curso de Licenciatura em Pedagogia Plena, sistema PARFOR/CAPES/UEPB, teve como intuito apresentar um pouco da rotina de ensino e de aprendizagem da turma do 4º ano do Ensino fundamental, em uma Escola Municipal de Campina Grande – PB.

Utilizou-se da prática de observação, em relação ao fazer pedagógico, funcionamento geral da Instituição e participação nas atividades de sala de aula, para efeito de uma prática de sala de aula centrada nas necessidades de ensino e aprendizagem tanto dos alunos, quanto da professorada da turma em questão. E, fundamentou-se na prática da docência nesta turma de 4º ano dos anos iniciais do ensino fundamental. Essa experiência foi de fundamental importância, pois revela as especificidades e singularidades dessa etapa específica em que a turma se encontrava. Revelou tanto a realidade do professor que ensina e aprende como também do aluno que aprende e ensina, bem como as realidades, as dificuldades, e os sonhos desses dois atores que convivem diariamente com intencionalidade.

Segundo, Aquino (1998, p. 63-64)

A heterogeneidade característica presente em qualquer grupo humano passa a ser vista como fator imprescindível para as interações na sala de aula. Os diferentes ritmos, comportamentos, experiências, trajetórias pessoais, contextos familiares, valores e níveis de conhecimento de cada criança (e do professor) imprimem ao cotidiano escolar a possibilidade de troca de repertórios, de visões de mundo, confrontos, ajuda mútua e conseqüente ampliação das capacidades individuais.

Dessa maneira, ficou evidente que a construção do conhecimento diário fomentado em sala de aula entre professor e aluno e/ou aluno e professor implica uma ação de partilha, já que é por intermédio da intencionalidade entre ambos, que as relações entre o sujeito e o objeto de conhecimento são estabelecidas no espaço social da sala de aula.

Através da observação e registros foi feita a diagnose da unidade educacional, campo de estágio: da infraestrutura, dos aspectos estruturais e de funcionamento, da análise da proposta pedagógica dos anos iniciais do ensino fundamental, das vivências e sistematização da prática docente, no 4º do ensino fundamental dos anos iniciais, observou-se o planejamento e prática pedagógica em sala de aula, assim como, a observação e análise da sequência didática e das atividades desenvolvidas em sala de aula. Com base nessa observação de campo, foi possível perceber e ratificar com todos os atores em questão, que a turma apresentou dificuldades na leitura, interpretação, e escrita, que se refletia na compreensão de textos e atividades em todas as áreas do conhecimento.

Para alcançar tais objetivos, utilizou-se a Literatura Infantil e a Arte de Contar História, tendo o conto: “A maior flor do Mundo” de José Saramago, como meio para alcançar um fim. Buscou-se através da leitura do conto em voz alta, que foi realizada pela estagiária e alunos. Em seguida foi construído o resumo coletivo do conto, tendo a citada estagiária assumida sua função como escriba, a apresentação do conto em forma de texto fatiado e ilustrado, do conto em forma de teatro de fantoche, da solicitação do reconto oral de um aluno, do conto em forma de vídeo e da apresentação do conto, em forma de encenação teatral como culminância no dia das mães, motivando de forma lúdica o prazer tanto pela leitura quanto para a escrita.

Portanto, o estágio proporcionou ao aluno de graduação, vivenciar o dia a dia da sala de aula, uma prática avaliativa de caráter processual, formativo e participativo de consequência contínua, com atividades cumulativas, diagnósticas e sistematizadas, gerando uma reflexão/ação comprometida com o bem-estar comum, com a cidadania, com respeito à diversidade humana, em direção ao ensino e a aprendizagem que garantam uma escola viva.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: LITERATURA INFANTIL E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA

3.1 O uso da literatura infantil e a prática de contar história na escola

Não podemos discorrer sobre o papel da Literatura Infantil e da arte de contar história como estratégias motivacionais do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita em sala de aula, sem mencionarmos alguns pontos pertinentes da vida em sociedade passando por alguns modos de ver e tratar a criança pequena e o aluno.

A raça humana está em constante evolução, e com advento da revolução industrial, o mundo não é mais o mesmo, de lá pra cá, as mudanças foram e são bruscas. O capitalismo, alicerçado no consumismo, mudou todas as formas de relações humanas, chegando a atingir a escola, essa por sua vez, se tornou cúmplice desse modelo capitalista, agora ela precisa formar para o mercado de trabalho competitivo, desafiador e muitas vezes, desumano.

A escola, então, precisa oferecer tantas e as mais variadas atividades possíveis, de tal forma que a criança pequena, o aluno, o jovem, o adulto todos sejam introduzidos nesse sistema de produção, venda e consumo. Com isso, o tempo escolar precisa ser muito dinâmico para repassar tantas informações e conhecimentos, e o tempo para a fruição, para a ludicidade e para o faz de conta foi e está sendo sequestrado. É necessário, reavaliar o tempo da escola que é dado à formação humana na sua essência, resgatar princípios que estão sendo perdidos, pois, para alimentar a sociedade capitalista é mais importante ter do que ser. E na verdade, deve ser o contrário, o essencial a vida é ser mais do que ter. (Mello, 1998:34, tradução nossa)

Cabe a escola que é considerada o lugar mais importante para a criança, depois da família, lugar esse, de pura descoberta, de construção e de reconstrução, de reflexões, de interações, de ações, de emoções, de encontros e desencontros, de aprender à solidariedade, a cooperação, a partilha, a participação, a tolerância, a amizade sejam o objetivo maior. A escola deve transformar-se em um lugar onde a fábrica da vida e para a vida em comunidade, seja alimentada pelo sonho, pela imaginação, pelo respeito, pela compreensão, pela preservação humana e ambiental, que são os bens mais preciosos da humanidade, e que é realmente necessário, para formar cidadãos mais e melhores preparados em mudar a realidade ao seu redor pelo bem-estar comum, e não para enriquecer ainda mais uns poucos, que se acham melhores. Em detrimento de milhões de pessoas que vivem, tão somente, para sobreviver. (SOARES; Tomas, 2004^a, p, 156, tradução nossa)

Hoje, a cada momento, surge uma gama de novos conhecimentos de maneira antes inacreditável. E, de acordo com Castells, a escola sempre desempenhou dois papéis: transmitir os valores dominantes da sociedade e informar os alunos, alertando que essa pedagogia para a transmissão de informação deve não mais existir, pois, 80% da informação já está na internet. O papel informacional deve ser reajustado ao dar poder intelectual. Não é a informação que deve ser ensinada, mas como busca-la e combiná-la aos projetos pessoais de cada um. Os filmes do passado que mostravam carros falando, eram um sonho distante, agora, é uma realidade. Antes, a comunicação através de cartas demorava semanas e até meses para chegar ao seu destino. Hoje, com o celular e a internet, é instantânea.

A sociedade passou de pensamentos e comportamentos “slow motion” - câmara lenta – para pensamentos e comportamentos, que exigem tomadas de decisões imediatas e, por muitas e repetidas vezes, o homem passa a ser comparado e cobrado como se fosse um robô, sem sentimentos, desejos, sonhos, limites físicos, e psíquicos. Enquanto isso, a escola parece congelada como em uma foto.

Nunca se falou tanto em depressão enquanto doença do milênio, como hoje. Como diz o psiquiatra Augusto Cury, “Nunca tivemos uma geração tão triste, tão depressiva. Precisamos ensinar nossas crianças a fazerem pausas e contemplar o belo...”².

Hoje, muitos pais, para suprir suas carências e as dos filhos, enchem a vida dos filhos de inúmeras tarefas, e de muitos brinquedos e coisas, dão celular até para bebês. Esquecendo que eles são crianças, e, que, portanto, precisam ser criança, ter tempo para brincar, para estudar e o tempo do não fazer nada em absoluto, ter tempo para pensamentos livres, desobrigados. (Revista Exame, em 26.04.2016).

A linguagem da internet se tornou foco de inúmeros estudos, tanto positivo quanto negativo. As palavras muitas vezes, agora, são representadas, somente por uma letra ou por um símbolo. O modo de escrever mudou. A escrita, assim, como a linguagem está sempre em um processo de evolução. Um processo vivo e ativo. A cada tempo e cada lugar a escrita se reinventa.

² A este respeito leia entrevista à Revista Claudia, publicado em, 07/09/2015, às 06h00, por Liliane Prata. Gerações inteiras preocupadas com o amanhã, sem viver o hoje, o agora. Preocupadas em ter, na ilusão de que serão mais feliz e mais respeitada, então, as relações passam a ser mais baseadas em interesses supérfluos e vazios. Lido por mais de 330 milhões de pessoas e traduzido para 260 línguas diferentes, o livro, O Pequeno Príncipe de Antoine de Saint-Exupery, (Globo.com/G1, por Ana Paula Cardoso), onde se lê: “O essencial é invisível aos olhos”. Isto traz a ideia de que devemos valorizar as coisas mais simples do dia a dia, o perfume de uma flor, as estrelas, o pôr do sol, essas reflexões são natas da Literatura Infantil e da arte de contar história, que contribuem para florar tais percepções e sentimentos.

Como salienta o texto: “O abecê da escrita, por Elisa Batalha”. Tal fundamentação traz um pouco dos autores que defendem a Literatura Infantil como estratégia de ensino e de aprendizagem capaz de impulsionar, tanto a criança pequena da Educação Infantil, quanto o aluno da Educação Fundamental, em direção à fruição, partindo dessa intenção do deleite, é que se consolidará a formação do leitor. Do verdadeiro leitor, aquele que gosta de ler por prazer e não por obrigação. Pois, primeiro tem que acontecer a mágica – o encantamento – de quem lê e por quem ouve, levando ambos a imaginar, pura e simplesmente. Tal momento, de puro deslumbre, deve ser o norte para as ações do professor, onde à criança deve ser oportunizado o mundo da imaginação e do sonho, campo fértil para a criatividade brotar, antes de oferecer o mundo das letras propriamente dita.

Segundo Coelho (2000, p.16)

[...] a escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal e consciente – condição *sine qua non* para a plena realidade do ser.

A Literatura Infantil e a arte de contar história favorecem a construção do pequeno (a) cidadão (ã) dando oportunidade de ouvir, ver e até vivenciar o mundo da fantasia objetivando auxiliar a criança pequena e o aluno no entendimento da vida real, que aliás, é muito complexa. É “a arte de contar história que nos liga ao indivisível, e traz respostas às nossas inquietações”, (Bussato, 2003, p. 9). Sendo assim, ambas devem ser o carro chefe de ações integradoras na escola, para garantir um melhor entendimento em todas as áreas do conhecimento. É campo fértil para o processo de aquisição de leitura e de escrita, ou pelo menos, abre possibilidades. Tal experiência propicia uma acolhida, um chamamento para aguçar o interesse. A partir daí, e por esse viés de aproximar a leitura de forma lúdica e prazerosa, torna para quem houve a história, um estímulo para que o processo de aquisição da leitura e escrita tenha sentido.

Compreende-se que é de fundamental importância o estágio de observação e a vivência da prática docente em sala de aula, pois, com essa apreciação é possível compreender as múltiplas faces do fazer pedagógico e de como o professor procede, nos vários momentos de ensino e de aprendizagem, e de como a criança pequena e o aluno recebem, processam e/ou absorvem o processo, dando subsídios para reflexão/ação de como

se dá tal construção e quais os vários desdobramentos e caminhos que a ação do educar e de aprender possibilita, em meio aos diversos desafios que se apresentam em sala de aula.

Portanto, é imprescindível unir a teoria à prática observada, para uma formação de qualidade e de construção de saberes relevantes para a formação docente. Segundo Freire (1991, p. 58) “Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira, às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”.

3.2 Conceito de literatura infantil e a arte de contar história

A literatura infantil iniciou-se a partir da ascensão da burguesia brasileira, em que a criança e a infância, até então invisíveis, passam a ter visibilidade. À criança é dada a oportunidade de ser e ter certa “infância”, mesmo que o livro e suas histórias sejam para inculcar e/ou disseminar os valores da classe dominante. Então, o livro infantil é usado puramente de forma pedagógica e intencional. Segundo Arroyo (1968, p. 93-94)

Nem sempre será possível estabelecer-se uma separação nítida entre os livros de entretenimento puro e o de leitura para aquisição de conhecimentos e estudo nas escolas, durante o século passado. Percebe-se que a literatura infantil propriamente dita partiu do livro escolar, do livro útil e funcional, de objetivo eminentemente didático.

E, é na escola o lugar ideal para se garantir a propagação da ideologia adulta da época que deveriam ser passadas às crianças, temas ligados ao nacionalismo, ao moralismo, à religiosidade, entre outros.

A literatura atual, segundo Ana Arlinda de Oliveira (2010, p. 42), aborda que,

Como a leitura entre as crianças estimula sempre o diálogo, as trocas de experiências de vida, os gostos e desgostos, a literatura ultrapassa os limites escolares, pois com seus temas é capaz de contribuir para ajuda-las a vivenciar e entender sua interioridade e sua inserção na cultura literária.

Fica clara, a tão valiosa contribuição da literatura para a formação integradora da criança em uma sociedade letrada. A autora também alerta para o cuidado que se deve ter em não tornar o texto literário somente como pretexto de escolarização, o que pode torná-lo desinteressante. E ainda aponta caminhos para que o professor, como mediador e estimulador,

use bons textos literários instigando o imaginário, através de estratégias diversas, dentre as quais contarem histórias.

Segundo Coelho (2001, p. 12),

[...] a história é importante alimento da imaginação. Permite a autoidentificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. Descobrir isso, e praticá-lo é uma forma de incorporar a arte à vida [...]

Portanto, a arte de contar história possibilita ao professor, em sala de aula, uma estratégia rica em favor de um ensino e de uma aprendizagem significativas para a criança e o aluno do ensino fundamental, promotoras da escuta atenciosa, da criatividade, da reflexão de si, do outro e do mundo em que está inserido.

Segundo Alves, (2004, p. 41)

Tudo começa quando a criança fica fascinada com as coisas maravilhosas que moram dentro do livro. Não são as letras, as sílabas e as palavras que fascinam; é a história. A aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras: quando alguém lê e a criança escuta com prazer.

É, portanto, com a contribuição da literatura infantil, segundo Rubem Alves que a aprendizagem das letras se torna um objetivo a alcançar da criança. Com isso, há um favorecimento da aprendizagem da escrita, pois de tanto ler a criança começa a identificar as formas da escrita e sua construção, tendo o professor como seu incentivador.

4. METODOLOGIA

A pesquisa apresentada baseou-se em um estudo de abordagem qualitativa, onde a aluna estagiária, ao mesmo tempo, pesquisadora, juntamente com os sujeitos da pesquisa, neste caso, a professora regente da turma e os alunos vivenciaram e compartilharam da realidade estudada.

Segundo Pádua (1996, p. 29) a pesquisa enquanto retomada num sentido amplo, é vista como toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações.

Por sua vez, a pesquisa bibliográfica orienta para a efetivação do levantamento de dados a respeito do assunto, da observação, de conversas informais, de questionários, de projeto de intervenção com ações para obter participação e /ou resultados dos alunos, de leituras, de reconto, de participação, de questionamentos, da interação, do interesse e da produção escrita. Sempre, com o objetivo de entender melhor como se dá o processo de ensino e de aprendizagem, para procurar melhorar as estratégias pedagógicas de intervenções na mediação da facilitação do aprender.

Os procedimentos metodológicos para este estudo foram iniciados com a observação e fazem parte da prática docente em uma turma do 4º ano do ensino fundamental, de uma escola municipal de Campina Grande, - PB. Este espaço tornou-se o foco deste trabalho e o norte, na direção escolhida para atuação em sala de aula, como meio de reflexão, levantamento de dados e de ação do fazer pedagógico.

As demandas apresentadas por esta turma são várias, pois, é uma turma numerosa com 36 alunos, com várias especificidades, em específico. Dessa turma 6 (seis) alunos são portadores de alguma necessidade especial, somando-se a esta realidade a turma é bastante desafiadora, no que se refere à disciplina em sala de aula e dificuldade e/ou interesse, em relação à aprendizagem, principalmente da leitura e da escrita, conforme ouvimos da professora regente sobre a turma.

Ficou claro o tamanho da responsabilidade do professor em conduzir os trabalhos, com o objetivo de vencer várias barreiras, para alcançar um bom desenvolvimento do ensino e da aprendizagem desses alunos.

Para tanto, há a colaboração de uma “cuidadora”, de uma “psicóloga” e de uma pedagoga que trabalha na sala do AEE (Atendimento Educacional Especializado) e da Diretora, que, aliás, é sensível a estas questões e contribui dinamicamente, na promoção do bem-estar e bom desenvolvimento geral dos alunos. Somando-se a esta realidade a turma é bastante desafiadora no que se refere à disciplina, comprometendo, assim, a concentração necessária no ambiente escolar.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos resultados surge neste trabalho de pesquisa com o objetivo de colaborar e refletir sobre as dificuldades percebidas na turma do 4º dos anos iniciais do Ensino Fundamental, durante o Estágio Supervisionado III – (Docência nos Anos Iniciais) que foi realizado, através do projeto de intervenção idealizado a três mãos, a saber: aluno, professor e estagiária, na prática docente de sala de aula.

O projeto de intervenção originou-se das dificuldades e/ou do pouco interesse do aluno em relação à prática de leitura e de escrita observados, na turma do 4º ano, em questão. Dificuldades estas que, se refletiam na oralidade, na compreensão de textos e nas atividades propostas em todas as áreas do conhecimento. Buscou-se através da Literatura Infantil e da Arte de contar História, meios que pudessem fascinar, seduzir e instigar a imaginação e a criatividade para contribuir com o estímulo ao desenvolvimento de hábitos de leitura e escrita.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 62)

Para que uma aprendizagem significativa possa acontecer, é necessária a disponibilidade para o envolvimento do aluno na aprendizagem, o empenho em estabelecer relações entre o que já sabe e o que está aprendendo, em usar os instrumentos adequados que conhece e dispõe para alcançar a maior compreensão possível. Essa aprendizagem exige uma ousadia para se colocar problemas, buscar soluções e experimentar novos caminhos, de maneira totalmente diferente da aprendizagem mecânica, na qual o aluno limita seu esforço apenas em memorizar ou estabelecer relações diretas e superficiais.

Seguramente, a escola é a instituição “mais preparada”, ou deveria o ser, para estimular e dá subsídios em favor da criatividade, do sonho, da arte. Ela deve ser lugar de encorajamento, de apoio e sobre tudo de cooperação e solidariedade.

Como afirma o educador Rubem Alves, no livro, Gaiolas e asas:

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob o controle. Engaiolados, o seu dono pode leva-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de serem pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não poder ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Significa dizer que salas de aulas, principalmente para as crianças pequenas e para os alunos, deveriam ser lugares especiais, lugares de encontro com a imaginação dos sonhos possíveis e impossíveis, de acolhimento de todos os tipos, de arte, de sensibilidade, de descobertas, de provocação pelo espanto, de fruição, onde o respeito seja uma via de mão dupla. Segundo Paulo Freire, “Quem ensina”, aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

5.1 A experiência da literatura infantil e a arte de contar história em sala de aula

No Estágio supervisionado III, docência nos Anos Iniciais, em específico na turma de 4º ano em questão, foi utilizado o conto, A Maior Flor do Mundo de José Saramago, com o objetivo de provocar a sensibilidade da criatividade e da imaginação em fomentar o prazer e/ou interesse pela leitura e pela escrita, para desenvolver a expressão oral e o pensamento crítico.

Ouvir permite às crianças pequenas e alunos ampliar o repertório cultural, aumentar a familiaridade com a língua, desenvolver o comportamento leitor e facilita o processo de alfabetização e letramento.

Marcuschi (2008) fala que saber o funcionamento dos gêneros textuais torna-se bastante necessário para a apreensão da leitura, da produção e da interpretação. Segundo Abramovich (1997, p. 17),

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos de agir e de ser, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, sociologia sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula...

Um breve relato da dinâmica utilizada em sala de aula durante o período do estágio foi o gênero conto, apresentado sob forma de texto escrito, lido em voz alta pela estagiária e também por alguns alunos de forma voluntária, com roda de conversa, depois o mesmo conto foi apresentado em forma de texto fatiado e ilustrado tamanho ofício, dando ênfase à entonação, a gestos e expressões dos personagens, depois de forma lúdica foi apresentada uma caixa surpresa onde todo o texto sobre conto estava digitado, mas fatiado e cada aluno colocava a mão na caixa retirava um trecho do texto e lia para a turma, para depois montarmos o quebra cabeça, ou seja, colocar em ordem todo o texto conforme os

acontecimentos. Mais uma vez, fizemos reflexões sobre as atitudes dos personagens. Também, o conto foi apresentado em vídeo e pelo teatro de fantoche. Por fim, foi solicitado quem poderia narrar oralmente o conto. E, como culminância desse trabalho, a turma apresentou o conto em forma de encenação teatral no dia das mães, fazendo e dando sentido ao que foi apresentado aula. No esforço de compreender as relações diárias vividas em sala de aula, com leituras e releituras, fazeres e , construções e reconstruções fica aqui registrados, que é possível estimular a leitura e escrita através da Literatura Infantil e da Arte de contar História, pois, estas dão sentido, suporte e vida aos momentos de ensino e de aprendizagem, pois, é através delas que se podem visitar lugares, acontecimentos, entenderem formas, pensamentos, ações, sentimentos, enfim, compreender o mundo e tudo que nele há.

Desse modo, podem-se integrar os conteúdos de forma interdisciplinar cooperando para o desenvolvimento participativo e crítico na formação cidadã da criança pequena e do aluno, favorecendo competências e habilidades e ampliando as redes de significados para o ensino e para a aprendizagem.

Através do Conto, A Maior Flor do Mundo de José Saramago, foi percebida o quão valiosa é a Literatura Infantil e a Arte de Contar História como motivação para aquisição da leitura e da escrita. Os alunos mostraram-se interessados, atentos e empolgados em participar das atividades propostas. A avaliação quanto ao objetivo desta pesquisa, em relação à contribuição da Literatura Infantil e da Arte de Contar História como estratégia de motivação no desenvolvimento da leitura e da escrita, teve um caráter processual, formativo e participativo. Foi possível perceber através de relatos dos próprios alunos o quanto essas duas ferramentas, usadas na sala de aula, contribuem para o fomento da aprendizagem significativa e inclusiva. Todos ficavam atentos na hora da escuta do Conto e a grande maioria participou ativamente das atividades propostas. O que culminou com uma apresentação teatral em homenagem ao dia das mães na escola.

Segundo a professora Cheiro de Flor (informação verbal), em relação à vivência na sala de aula, sobre a literatura infantil e a arte de contar história: *“há sempre uma resposta positiva, quando do uso da literatura infantil, juntamente com a contação história, em relação à participação mais ativa dos alunos, em ouvir, em perceber informações explícitas e implícitas nas histórias tanto lidas, como contadas, em participar oralmente na releitura da história, na leitura do texto em si, e na produção textual, há uma motivação até dos alunos que ainda não adquiriram habilidades e competências necessárias para desenvolverem a leitura e a escrita.*

Segundo o aluno Raio de Sol (informação verbal), sobre a motivação de ler, falar e participar da dramatização do conto: A maior Flor do Mundo - José Saramago: *“Tia é muito bom aprender com histórias, a gente aprende mais, é mais divertido e fácil”*.

CONCLUSÃO

A criança pequena, assim como o aluno do Ensino fundamental são sujeitos de direto e produzem cultura nas interações vivenciadas, em especial na escola, e esta como o lugar de disseminação do conhecimento, deve, portanto, promover através de suas ações, momentos que gerem estímulos contínuos em aguçar a curiosidade e o fascínio da criança.

A Literatura e o contar história são arte. Elas são uma construção social que retratam a vida e o mundo, encantam a criança, o jovem, o adulto e o idoso, todos se encantam com um conto bem contado, não importa se é contado através de um livro, da própria imaginação ou de um fato ocorrido.

O mais importante, como sugere Abramovich (1997), é a prontidão que acontece nesse momento. Momento esse de compreender que é através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, sociologia sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula [...].

Levando em conta o objetivo desse trabalho, analisar se a Literatura Infantil e a Arte de Contar História favorecem e/ou estimulam o ensino e a aprendizagem significativa do aluno, a experiência vivenciada na turma do 4º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental forneceu um resultado satisfatório, visto que, inclusive as crianças que ainda não dominavam, totalmente, essas duas habilidades, de ler e de escrever, durante o processo mostraram em suas atividades capacidades para tal. E quando se pediu para que elas lessem o que escreveram elas liam com naturalidade, como se os sinais gráficos representados em suas produções tivessem sido escritos corretamente. Portanto, houve sim um estímulo através dessas estratégias pedagógicas, em fomentar o prazer pela leitura e pela escrita.

Com base no pensamento de Gadotti (1982, p.17), podemos dizer que este prazer de ler/escrever ocorre porque - o ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Ensinar o trabalhador apenas a escrever o seu nome ou assiná-lo na Carteira Profissional, ensiná-lo a ler alguns

letreiros na fábrica como “perigo”, “atenção”, “cuidado” para que ele não provoque algum acidente, e coloque em risco o capital do patrão, não é suficiente.

Entendemos, pois, que a Literatura Infantil e a arte de Contar História possibilitam no que concerne a linguagem, a expressividade, as vivências e as interações em um determinado tempo e espaço, que permitem à criança pequena ou o aluno a sentirem, refletirem, se colocar no lugar do outro, ficarem tristes ou felizes, torcerem por algo, buscarem respostas para possíveis desfechos e muito mais, tudo isso, faz com que haja um amadurecimento cognitivo, físico e social na preparação do futuro cidadão. Em conhecer, respeitar e valorizar a sua identidade e a de outros povos, outras culturas, outras realidades e a toda diversidade que há no planeta.

E, finalmente, é papel da escola preparar o indivíduo nessa direção, na perspectiva de uma formação humana cidadã para a compreensão de mundo e de uma melhor convivência com o mundo ao seu redor, buscando sempre, o respeito a todo ser humano e a preservação do meio ambiente e tudo que nele há.

ABSTRACT

This article aims to comprehend and study the importance of children's literature and the art of storytelling as a didactic-pedagogical resource capable of stimulating and facilitating the process of teaching and learning the acquisition and development of reading and writing. The interest for this study arose from the practice carried out in the class of the 4th year of elementary school, during the Supervised III stage, as a teacher in the initial years of Elementary Education. Methodologically, we use qualitative research to study the text of the lived experience in classroom practice, to serve as a study and comprehension, and at the same time, of analysis and understanding to be studied in the light of the studies of researchers Abramovich (1995), Alves (2008), Aquino (1998), Arroyo (1968), Baldi (2009), Busatto (2003), Coelho (2001), Freire (1983), Gadotti (1982), Marcuschi Zago (1998), among others. It was found that there are still, in the 4th year, students who use the world reading in their social context in daily practices, but did not acquire the mastery of school reading and writing; there is a lack of encouragement from the agencies that deal with reading policies and from the schools themselves, including from the educators to a reflexive teacher formation that could better instrumentalize the competence of the reading comprehension of the student; effective reading presupposes a conception of language and language, reading, subject, text, teaching and learning, to be contextualized in a theoretical orientation in the initial years; the effects of the productive interventions and pedagogical actions of the performance in the classroom, with the practice of literary reading could be noticed in the progress of the student when he says: "Auntie it is very good to learn with stories, we learn more, it is funnier and easy".

Keywords: Literature. Stories. Reading. Writing.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**: gostosas e bobices. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1995.

ALVES, Rubens. **O prazer da leitura**: aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras. Educação. nº 137. Ano 12, 2008.

ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira. Melhoramentos**, SP, 1968.
Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/noticias/nunca-tivemos-uma-geracao-tao-triste/>.

AQUINO, J. G. Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas. 2.ed. São Paulo: Summus, 1998.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais**: uma proposta para formação de leitores de literatura. Porto Alegre: Projeto, 2009.

BUSATTO, Cléo. **Contar & encantar**: Pequenos segredos da narrativa. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CNE/CEB - Portal do MEC. http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020_09.pdf

COELHO, Beth. **Contar histórias**: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2001.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil**: Teoria, análise, didática. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.

Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/paris/post/autor-de-o-pequeno-principe-esteve-varias-vezes-no-brasil.html>. Autor de "O Pequeno Príncipe" esteve várias vezes no Brasil por Ana Paula Cardoso em 27/11/2015 07:01.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/par/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12640-parametros-curriculares-nacionais-1o-a-4o-series>

Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/paulo-freire/>

Disponível em: <http://www.cienciahoje.org.br>

Disponível em: <http://www.fronteiras.com/noticias/manuel-castells-explica-a-obsolencia-da-educacao-contemporanea-1427125019>. Manuel Castells. Explica a obsolescência da educação contemporânea.

Disponível em: <http://www.institutorubemalves.org.br/>

Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=911&sid=7>.

CURY, Augusto. **Nunca tivemos uma geração tão triste**, publicado em 07.09.15, 06:00.

Disponível em: <https://exame.abril.com.br/ciencia/5-lico-es-de-vida-comprovadas-de-o-pequeno-principe/>. 5 lições de vida (comprovadas) de "O Pequeno Príncipe", por Marine Le Breton publicada em 26.04.2016 às 21:13.

Disponível em: portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc_download&gid=7841..

Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000100002. SOBRAL, Fernanda A. da Fonseca. **Educação para a competitividade ou para a cidadania social?**

Disponível em: www.uel.br/pos/mestrededu/images/.../2008%20-%20ROSSI.%20Roberto%20de.pdf. ROSSI, de Roberto. Mestrado em Educação. UEL.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

_____. **Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/caract.htm>.

GADOTTI, Moacir. **O que é ler? Leitura: teoria e prática**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

O abecê da escrita por Elisa Batalha.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n61/1984-0411-er-61-00055.pdf>. FREIRE, P. A

PÁDUA Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa. Abordagem teórico prática**. Campinas: Papirus, 1996.

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. Petrópolis: Vozes, 1971.

SILVA, Rosimeire Cardoso Faria Soares da. **Histórias para ler o mundo**. 2011 Artigo científico na Pós-Graduação em Mídia, informação e cultura. Universidade de São Paulo: 2011.

TIBA, Içami Henrique. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1996

ZAGO, N.(1998). Realidades sociais e escolares de dinâmica familiar nos meios populares. **Cadernos de Educação**. PAIDÉIA, FFCLRP, USP, Ribeirão Preto, fev./ago.